



O cronotopo pandêmico no conto “Baú”, de Daniel Galera:  
ressonâncias no ensino de literatura

The pandemic chronotopo of the short story “Baú”, by Daniel  
Galera: resonances in literature teaching

El cronotopo pandémico en el cuento “Baú” de Daniel Galera:  
resonancias en la enseñanza de la literatura

Letícia Queiroz de Carvalho  
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

André Luiz Neves Jacintho  
Secretaria Estadual de Educação – ES

**Resumo**

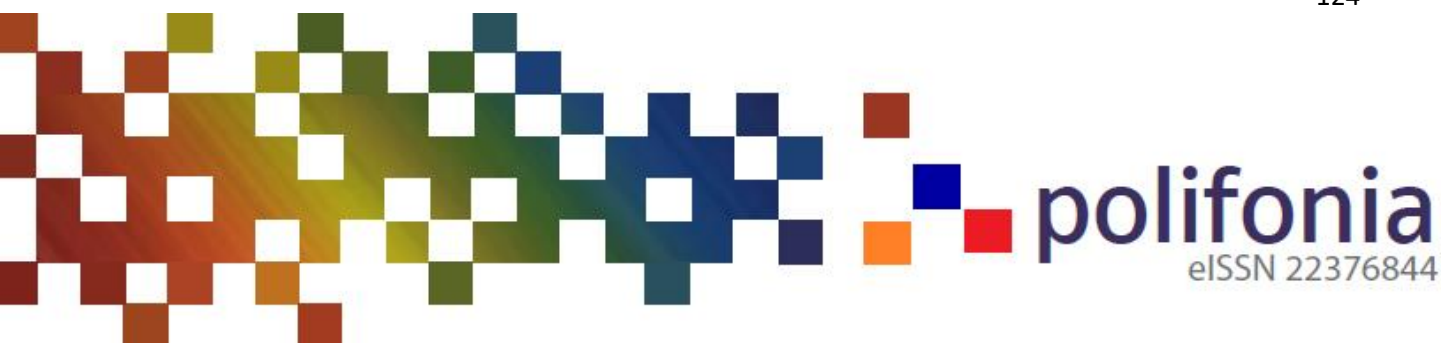
Neste artigo buscaremos um diálogo com o conto “Baú”, do autor Daniel Galera, cujas marcas erigidas em sua composição poderão facultar um conjunto de experiências que ampliem para o leitor da educação básica a sua forma de compreender e fruir os textos literários. Ancorados na concepção bakhtiniana de cronotopo, reiteramos que tal categoria conceitual para o estudioso russo apresenta em seu bojo uma concepção de homem inscrita em cada temporalidade em que ele se insere. Diante desse quadro, assumimos, no texto em tela, uma proposta de ensino de literatura para além de uma visão utilitária do texto literário, a partir da qual explanaremos os possíveis desdobramentos dessa perspectiva para subsidiar as práticas de leitura na sala de aula.

**Palavras-chave:** Cronotopo, conto, leitura, pandemia.

**Abstract**

In this article we will seek a dialogue with the short story “Baú”, by the author Daniel Galera, whose marks erected in his composition may provide a set of experiences that extend to the reader of basic education his way of understanding and enjoying literary texts. Anchored in the bakhtinian conception of chronotope, we reiterate that such a conceptual category for the Russian scholar presents in his bulge a conception of man inscribed in each temporality in which he is part. In view of this picture, we assume, in the on-screen text, a proposal for teaching literature beyond a utilitarian view of the literary text, from which we will explain the possible consequences of this perspective to support reading practices in the classroom.

**Keywords:** Short story, chronotope, literature teaching, pandemic.



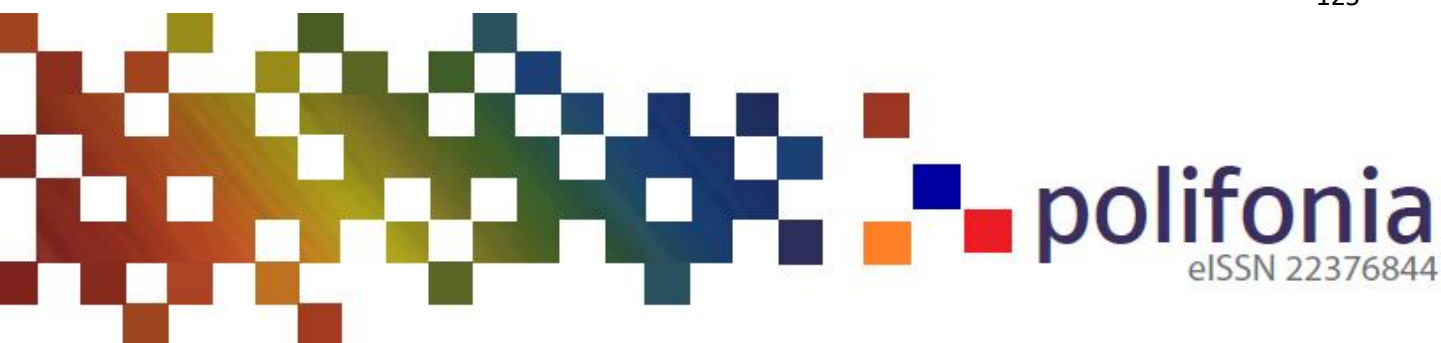
### Resumen

En este artículo buscaremos un diálogo con el cuento “Baú”, del autor Daniel Galera, cuyas marcas erigidas en su composición pueden proporcionar un conjunto de experiencias que extiendan al lector de educación básica su forma de entender y disfrutar de los textos literarios. Anclados en la concepción bajtiniana del cronotopo, reiteramos que tal categoría conceptual para el erudito ruso presenta en su protuberancia una concepción del hombre inscrita en cada temporalidad en la que forma parte. A la vista de este cuadro, asumimos, en el texto en pantalla, una propuesta de enseñanza de la literatura más allá de una visión utilitaria del texto literario, a partir de la cual explicaremos las posibles consecuencias de esta perspectiva para apoyar las prácticas de lectura en el aula.

**Palabras clave:** Chronotope, lo estoy contando, lectura, pandemia.

## 1. Introdução

Neste artigo buscaremos um diálogo entre a palavra literária que edifica o conto “Baú”, do autor Daniel Galera e a sua aproximação com o cronotopo pandêmico em que foi produzido, de modo a elucidar as redefinições da leitura presentes em sua tessitura narrativa, coadunadas às perspectivas do ensino de literatura que problematizem as relações entre a escola, a apropriação do saber e a formação de leitores em diálogo com a realidade social. A escolha desse conto justifica-se por suas condições de produção, inseridas no projeto “Contos da Pandemia”, proposto pela Revista Piauí, em que a literatura contemporânea se fez representar por autores alinhados às situações concretas advindas da crise sanitária, as quais percorrem o ambiente ficcional com provocações aos leitores sobre o próprio ato de ler, situando-os no percurso narrativo não apenas no que tange aos elementos materiais do texto, mas principalmente no movimento do campo das transformações e dos acontecimentos que emergem desse tempo histórico que tem desafiado as relações sociais e os processos criativos no campo artístico-cultural, além do fato de que o autor contemporâneo escolhido para esta interlocução é considerado pela crítica literária hodierna um dos maiores representantes da geração de jovens escritores, o que nos estimula a reafirmar a sua importância na cena cultural brasileira e apresentá-lo aos leitores que desconhecem os seus escritos.

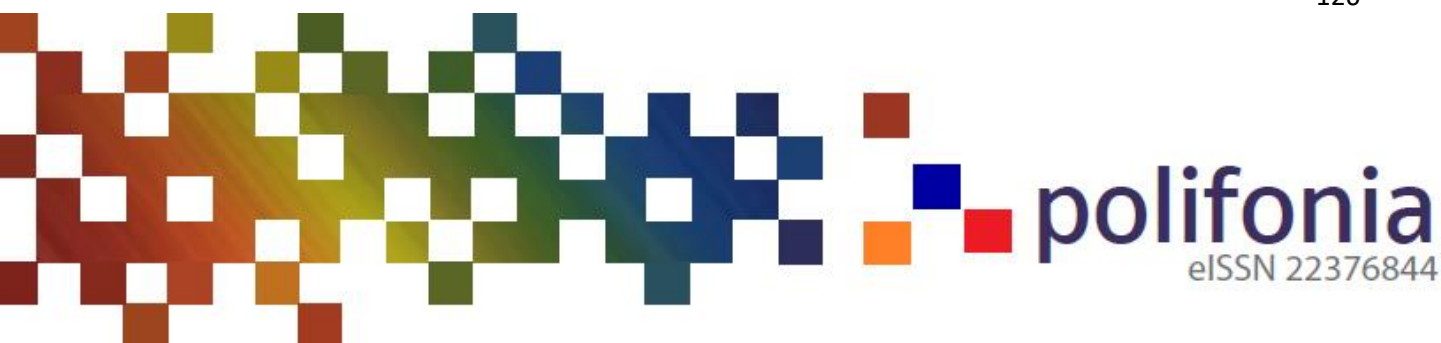


Sustentados por uma abordagem teórica ancorada na concepção bakhtiniana de cronotopo, presente – sobretudo - no livro *Questões de literatura e estética* (1993), a partir da qual as relações espaciotemporais tornam-se indissociáveis em suas manifestações literárias, reiteramos que a concepção de tempo para o estudioso russo traz também em seu bojo uma concepção de homem inscrita em cada temporalidade em que ele se insere. Por combinarem diferentemente tempo e espaço, as distintas épocas apresentam distintos cronotopos, com sentidos plurais e uma forma de entender o mundo e de reorganizar os discursos em suas especificidades enunciativas, questões bastante evidenciadas na trilha narrativa de “O baú”, cujas marcas erigidas em sua composição poderão facultar um conjunto de experiências que ampliem, para o leitor, a sua forma de compreender e fruir os textos literários.

No tocante à interface entre a literatura e a educação, dialogaremos também com autores cujas reflexões têm problematizado as práticas de leitura ora como uma ação redutora ao se limitarem às proposições normativas e pedagogizantes descoladas do contexto cultural mais amplo em que ocorrem, configurando-se como uma prática salvacionista esvaziada de uma postura crítica relativa aos processos sociais que engendram as criações artístico-literárias.

Diante desse quadro, assumimos, no texto em tela, uma proposta de ensino de literatura para além de uma visão fantasmagórica e utilitária do texto literário, por meio da reflexão de autores que discutem o enfrentamento das limitações e das adversidades presentes na docência literária, tais como Antunes (2015), Candido (2002), Compagnon (2003, 2009), Della Fonte (2007), Franchetti (2009), Ginzburg (2012), Zilberman (2008) e Todorov (2010).

Metodologicamente, optamos por uma pesquisa bibliográfica com viés qualitativo na perspectiva bakhtiniana, por entendermos que os textos se anunciam como enunciados concretos que nos requisitam contrapalavras e uma compreensão ativa em uma relação dialógica, pois no contexto das Ciências Humanas, o objeto é um ser que produz discursos



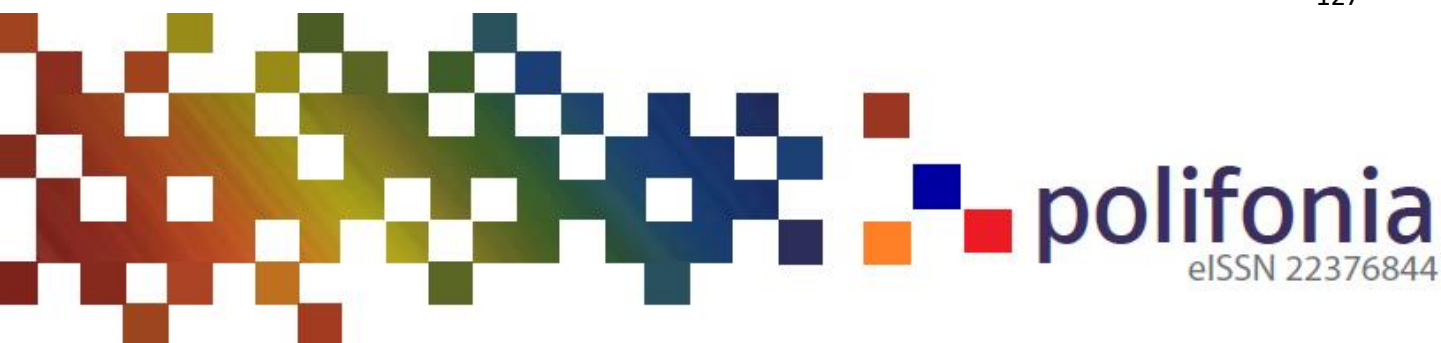
e posiciona-se ativamente aos discursos dirigidos a ele, visto que não pode ser estudado como coisa, por ser falante e expressivo e não poder tornar-se mudo na corrente da comunicação verbal. Sob tal ótica, o cotejamento entre os textos escolhidos para o nosso diálogo reafirma o objeto das ciências humanas - o “ser expressivo e falante” – predisposto a falar, explicar e compreender as concepções já ditas em contraponto às concepções ainda não ditas e socializadas.

Após o cotejo entre os referências teóricos apresentados, explanaremos sobre alguns elementos teórico-metodológicos que poderão subsidiar um conjunto das experiências com e no universo literário, a partir da compreensão da indissociabilidade entre espaço e tempo nas representações literárias no contexto das produções contemporâneas, da importância do ensino de literatura na escola que proporcione aos leitores o contato com situações ficcionais que os instiguem não apenas a um posicionamento intelectual em situações artificialmente criadas em sala de aula, mas também a uma reflexão sobre o seu papel como sujeitos históricos, de modo a salientar as potencialidades dessa interlocução para a prática docente.

## **2. O cronotopo pandêmico no conto “Baú”**

Bakhtin, em seu famoso ensaio *Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica* (doravante FTC), estabelece o que mais se aproxima de um conceito de cronotopo:

No cronotopo artístico-literário, indicadores espaciais e temporais se fundem num todo concreto cuidadosamente pensado. O tempo como tal se concretiza, se encarna, se torna artisticamente visível; da mesma maneira, o espaço se torna carregado e responsivo aos movimentos do tempo, enredo e história. A intersecção de eixos e a fusão de indicadores caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1998, p. 211).



Assim, o filósofo da linguagem estabelece que as narrativas estão ligadas ao tempo e ao espaço, não só pelas sequências a partir das quais são narradas, mas também e, principalmente, pela ficcionalização do mundo criado pelo autor.

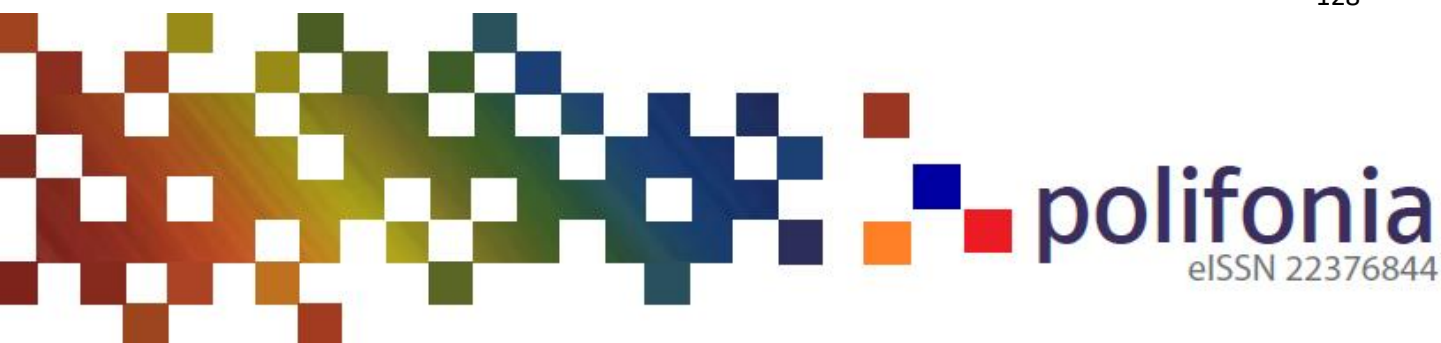
As bases epistemológicas de Bakhtin remontam a Kant, na filosofia e a Einstein, nas ciências exatas. Em Kant, Bakhtin resgata a ideia de que é através do tempo e do espaço que os homens, sujeitos cognoscentes, compreendem o mundo. Apesar da aproximação, estabelecida pelo próprio Bakhtin, Bernhard Scholz (BEMONG, 2015, p. 18) percebe que ambos

[...] não diferem suas concepções de tempo e espaço, mas sim no que diz respeito aos seus focos de interesse. [...] Kant empreendeu uma tentativa [...] de desenvolver uma compreensão do sistema universal da percepção humana através do tempo e do espaço, Bakhtin buscava evidências históricas de tal atividade perceptual tal como manifestada em textos literários.

Já em Einstein, Bakhtin resgata a noção de que há uma relação intrínseca no tempo-espaço: os acontecimentos estão sempre acontecendo em relação ao tempo e ao espaço, essa relação só é possível de ser estabelecida quando essas noções podem ser comparadas com outras de mesmo valor.

Apesar dessas aproximações, o conceito de cronotopo continua genérico, seja nos escritos do próprio Bakhtin ou nos de estudiosos do assunto, gerando diversas abordagens, inclusive no próprio FTC, no item “Observações finais” adicionado por Bakhtin em 1973.

É nessa parte acrescentada em 1973 que se situa a nossa análise do conto “Baú”, de Daniel Galera. A partir dos significados dados por Bakhtin aos cronotopos. De acordo com Bemong e Borghart (2015. P. 20), pode-se entender o cronotopo “[...] em pelo menos quatro níveis diferentes: a) Eles têm significado na geração da narrativa do enredo; da trama; b) têm significado representacional; c) fornecem a base para distinguir tipos de gêneros; d) têm significado semântico”.



A seguir, passamos a analisar o conto por essas quatro formas cronotópicas.

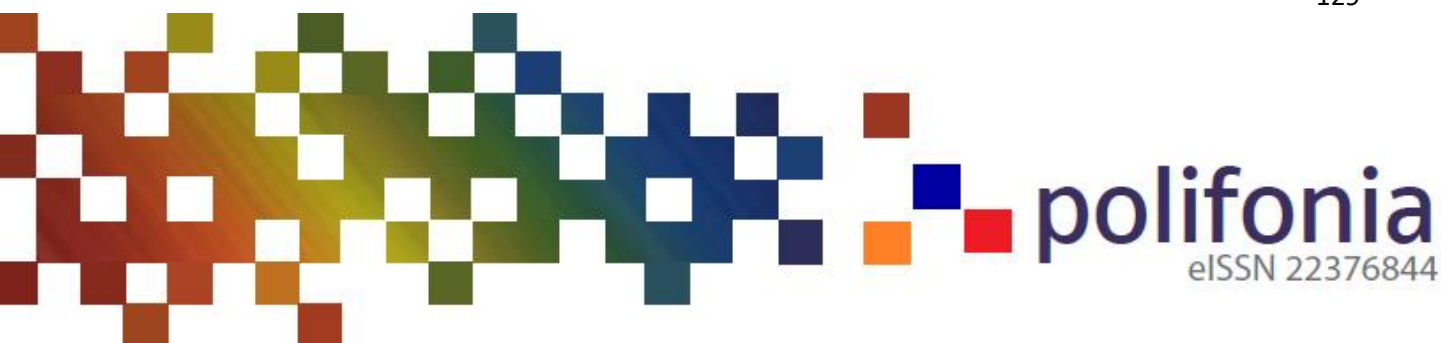
a. *A geração de uma narrativa pandêmica.*

O conto “Baú” narra a história de uma criança deixada pela mãe, técnica de enfermagem, que está na “linha de frente” no combate a pandemia, com a bisavó paterna. A história narrada poderia ser a de qualquer brasileiro ou brasileira que teve, durante esse tempo, de recorrer a parentes e amigos para deixar os filhos, enquanto trabalhavam.

Márcia, a mãe do menino, ao chegar à casa de dona Selma para deixá-lo, dá início ao encontro que gera a trama. O primeiro encontro é da própria técnica, que aparenta acusa o cansaço e o desgaste de quem vem trabalhando a tanto tempo e em um ritmo pesadíssimo, devido ao grave quadro enfrentado pelo país na pandemia. Esse primeiro encontro é característico dos encontros de gerações. Dona Selma, sabendo da chegada do menino, preparou pastéis fritos, que seriam devorados pelo bisneto, apesar da mãe dele afirmar, logo que chegou que “ele não come muita fritura”. Dona Selma, com mais de 90 anos, tinha suas próprias regras. Não seria tolhida pela esposa de seu neto de dar o que quisesse ao bisneto.

Bakhtin diz que o cronotopo do encontro é característico da estrada (a grande estrada), onde cruzam-se os caminhos das “[...] mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades” (BAKHTIN, 1998, p. 348. Grifo nosso). Dona Selma, Márcia e o bisneto de dona Selma são de idades bem diferentes. Esses dois encontros (Selma e Márcia e Selma e o bisneto) movem a trama, fazem com que ela caminhe, para usar uma metáfora da estrada.

É no estranhamento de dona Selma e Márcia que reside a primeira parte da narrativa. As duas não se conhecem direito. Mantêm poucas relações. As visitas de Márcia são raras. Mesmo assim, a senhora tenta retribuir a “confiança” com “toda a ternura de que era capaz”. Esse encontro, apesar de ter em suas entrelinhas um conflito,



não chega a gerar em ambas maiores consequências. Porém o encontro com o bisneto é cercado de significados e é neles que nos deteremos a partir de agora.

O bisneto inicia seu caminho (outra referência à estrada) observando as “mãos escuras e manchadas com uma curiosidade que tem algo de científico”. A bisavó, que “nunca teve a chance de mimá-lo”, é observada pelo menino com curiosidade. Essa curiosidade atesta a formulação bakhtiniana de que os encontros, na literatura, se dão preferencialmente ao acaso, na grande estrada da vida. Importante destacar que a estrada está só começando para o garoto, enquanto a bisavó já a vem trilhando há muitos anos.

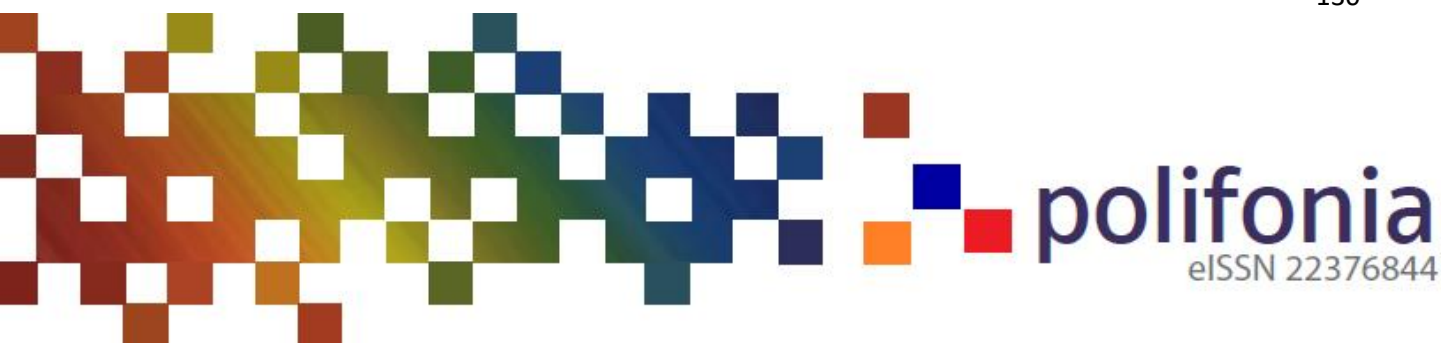
Após esse primeiro contato, as coisas parecem ruir, o menino começa a chorar e a bisavó não sabe bem o que fazer. Até lembrar do Baú, que dá nome ao conto.

É nesse baú que estão as surpresas que entreterão o menino por mais tempo. Dona Selma, hábil contadora, faz o neto viajar (a estrada de novo) com ela para o desconhecido. O bisneto encontra-se com o tempo e as crenças de dona Selma. Esse tempo só pode ser percebido pois está em contraste com outro tempo, o tempo que decorre lá fora do apartamento; um tempo que se distende sobre todos que sofrem as consequências da pandemia: a mãe que não sabe quando chega, o pai que não pode pegar o avião de volta.

É, portanto, no cronotopo do encontro entre dois personagens completamente diferentes que surge a trama narrativa.

#### b. *O cronotopo como representação*

No FTC, Bakhtin defende que “No castelo, ocorre a fusão orgânica do ambiente dos aspectos-indícios espaciais e temporais, e a intensidade histórica desse cronotopo determina a sua produtividade representativa nas diferentes etapas da evolução do romance histórico” (p. 352). Embora a narrativa do conto não se passe em um castelo medieval, percebemos aspectos que se assemelham a este lugar, essa semelhança é carregada de motivos cronotópicos: objetos desconhecidos, o cheiro de “mofo e lavanda”



(não sabemos se castelos têm esse cheiro, mas imaginamos um cheiro de lugar antigo, como um castelo), um baú com mistérios e lembranças.

Por outro lado, percebemos também a representação de um tempo conhecido, contemporâneo à escrita deste texto. Narra a situação dos trabalhadores da saúde, das restrições impostas pelos governos durante a pandemia, relata que “Uma ambulância passa voando pela rua deserta com a sirene aos berros”, cena tão comum, principalmente para aqueles que residem próximos a hospitais e unidades de saúde. Essas representações do tempo-espaço, serão reconhecidas ao longo dos anos por aqueles que viveram esses dias. Aqueles que virão depois de nós saberão através das histórias como sobrevivemos a esse período.

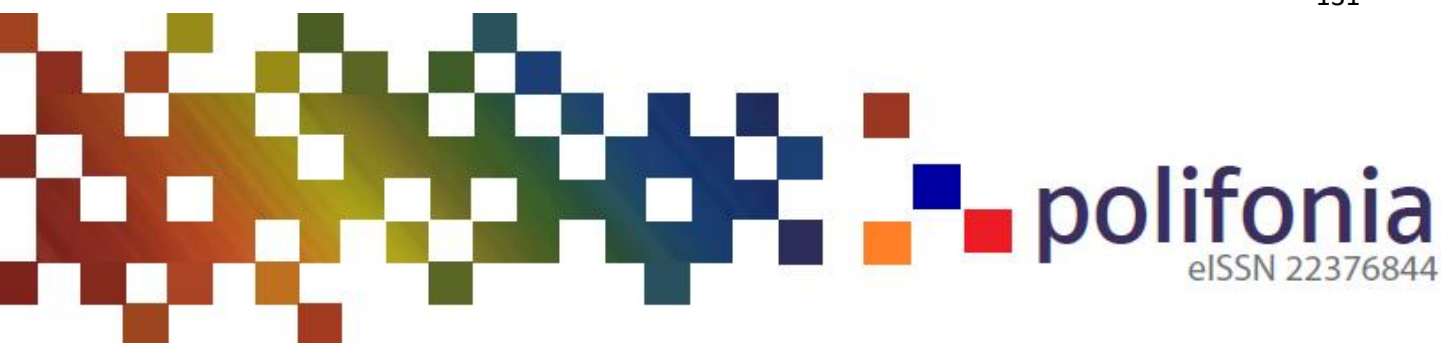
Esse valor representacional na narrativa é compreendido por Bakhtin como valor cronotópico, pois “[...] neles o tempo adquire um caráter sensivelmente concreto; no cronotopo, os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enchem-se de sangue” (Bakhtin, 1998, p. 355).

### *c. O cronotopo típico do gênero*

O conto Baú insere-se nessa classificação pois contém as principais características do gênero: narrativa curta, poucos personagens, tempo e espaço (olhe eles aí de novo) reduzidos, além disso, o enredo contém apenas um clímax (em nossa leitura do conto, o clímax fica por conta da descoberta do “dedo humano, seco e escuro, mumificado, com a unha ainda intacta, apesar de enegrecida” guardado pela bisavó).

Contos literários se tornaram muito populares entre nós brasileiros. Pelo seu tamanho e por sua dinâmica em narrar um acontecimento, vem ganhando cada vez mais adeptos em solo nacional. Em nossa história literária, vários autores se destacaram na escrita desse gênero, entre eles Machado de Assis, Mario de Andrade, Clarice Lispector e tantos outros.





Importante observar que a estrutura do conto de Daniel Galera não se resume ao clímax. O autor vai construindo a narrativa, numa espécie de crescente até chegar ao ponto alto, a conquista da atenção do menino pela bisavó. Antes disso, porém presenciamos um encontro inesperado, um primeiro contato mais frio entre os dois protagonistas: “O bisneto passeia um pouco pela sala, estudando os objetos que decoram a estante da televisão, a cristaleira e as mesinhas”. Até chegarmos no choro do menino. Esse é o ponto de virada, aqui o autor começa a nos preparar para o clímax. Vemos dona Selma em uma situação conflituosa, onde “Precisa criar algo que ainda não existe. Mas [ela] lembra de uma coisa. Hesita, mas logo se decide”. Decide abrir o Baú de lembranças, o que conquistará o bisneto e o controle da situação.

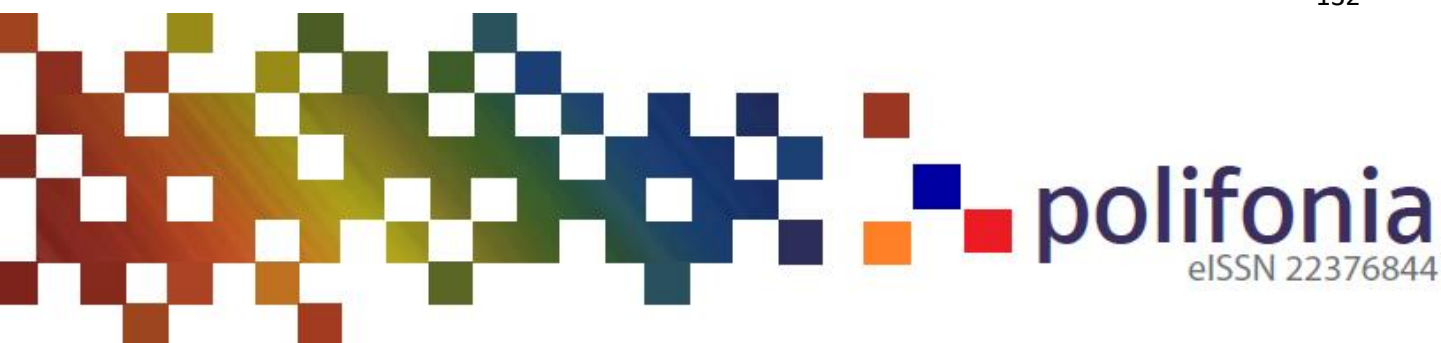
Após esse momento de tensão e da resolução do conflito (a conquista da atenção do neto), há um desfecho ameno, com a “cabeça de Selma [começando] a doer. Mas ela já contagiou o menino e se sente mais leve, pronta para o que virá”. Temos a impressão de que tudo ficará bem, pelos próximos dias.

Daniel Galera cria uma narrativa que nos fisga, tal como o baú da velha senhora. Essa é uma das grandes marcas do conto: somos fisgados por um acontecimento simples (um menino que ficará com sua bisavó), e levados a conhecer os mistérios de um velho “baú secreto”.

Segundo Bakhtin (1998, p. 356), nos cronotopos genéricos “A linguagem é essencialmente cronotópica, como tesouro de imagens”. A linguagem empregada no conto é justamente sua grande valência. Não há nada de extraordinário, nem de novo, numa senhora mostrando lembranças aos seus descendentes; o que faz com que nos interessemos pelo assunto está justamente na linguagem que o autor utiliza para nos atrair, nos fisgar.

Passemos então a última parte de nossa análise: a questão semântica.

d. *Os significados no conto.*



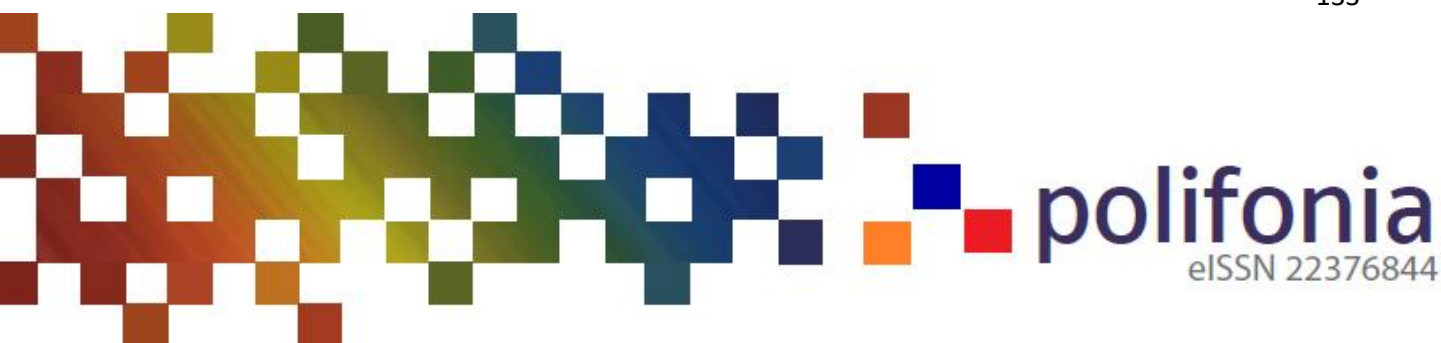
No FTC, Bakhtin afirma as imagens criadas pela arte literária, ligadas ao tempo e ao espaço, carregam em si valores “essenciais dessa realidade”, ou seja, as imagens engendram significados que serão caros para a compreensão daquela realidade. O círculo bakhtiniano já tinha postulado, em 1929 que “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 96).

Assim, lendo o conto Baú, encontramos imagens que estão carregadas de sentidos, alguns já permeiam a nossa imaginação: a narradora de histórias, que se materializa na bisavó; o garoto que tem o mundo nas mãos, através do *smartphone*, mas se interessa pelo jogo narrativo, proporcionado pelo encontro; as mãos escuras da velha, marcadas pelo tempo. Essas imagens, para nós, são impregnadas de significados. Porém, outras, novas, imagens desse tempo, ainda serão encharcadas no sangue para que no futuro possam nos ajudar a compreender esse momento histórico de maneira menos sincrética.

Não sabemos bem quais serão essas palavras, pois nos falta o distanciamento histórico, mas podemos supor que palavras relacionadas à pandemia ganharão outros sentidos e valores. Assim, se tornaram símbolos dessa época.

### **3. O cronotopo e a leitura literária: novos debates na escola**

A cronotopia presente no conto “Baú” ensejou, nesse texto, a possibilidade de compreender o espaço narrativo como social e o tempo como um elemento histórico profundamente vinculado às visões de mundo que o constituem, de modo a enfatizar os elementos estilístico-semânticos no texto escolhido como corpus, em uma interlocução que não privilegie apenas os aspectos formais da narrativa, mas que também traga à baila as relações entre autores, épocas, produções culturais e leitores, ancoradas em situações concretas e históricas em que se dão as interações sociais. O entendimento de tempo e espaço como realidades materiais indissociáveis a partir da arquitetônica bakhtiniana,

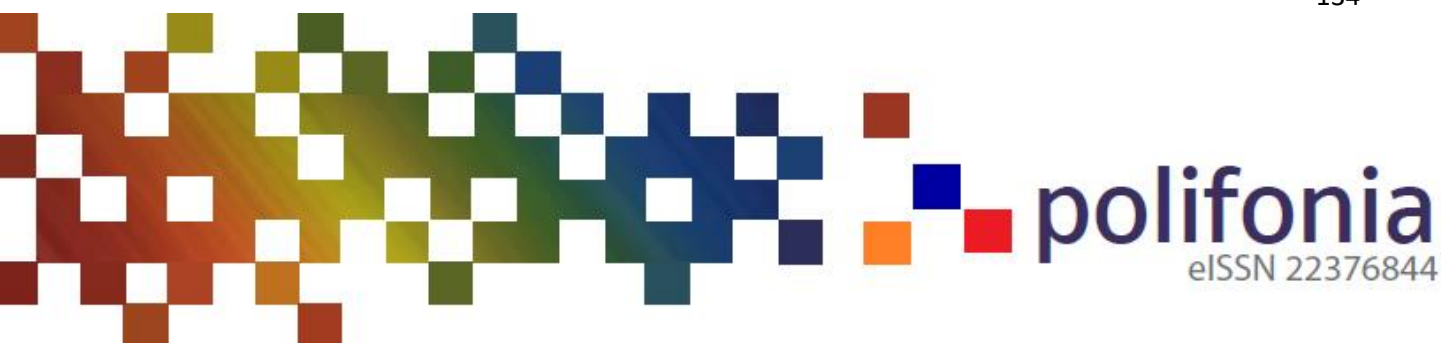


poderá criar novas condições para a compreensão das relações entre a literatura e a realidade de forma atualizada, em que o tempo não seja considerado uma abstração, mas sim um evento concreto inscrito na dinâmica social.

Defendemos, a partir de tais matrizes teóricas, uma educação escolar que possui uma faceta erótica vinculada ao desejo do saber, materializada na própria especificidade do processo educacional (DELLA FONTE, 2007); uma compreensão de leitura em que a experiência estética, fundamental para a formação humana, não seja desprestigiada pelo viés tecnicista ainda presente no ensino de literatura, nem tão pouco obliterada por recursos pedagógicos como resumos, fichas estruturais e projetos literários destituídos da participação responsiva dos leitores nas práticas de leitura na escola ou para além dela. Ainda sob tal ótica, pretendemos destacar, em diálogo com esses autores, que ações como as descritas reforçam o acultramento dos valores hegemônicos em detrimento da socialização do saber científico-cultural, impedindo um ensino de literatura caracterizado pela reflexão crítica, pela leitura diversificada de gêneros, pela realização de atividades que estimulem a paráfrase, as relações intertextuais, a capacidade de contextualização das obras lidas, além do envolvimento docente em debates permanentes sobre livros e os critérios que fundamentam e impactam as discussões realizadas.

A ausência desse debate qualificado nos processos de formação docente contribui para um ensino de literatura configurado para a realização de provas, caracterizado pela função instrumental que determina critérios distorcidos de qualidade do professor, pautados apenas em sua capacidade preparatória para a realização de exames e projetos em que se menospreza a apropriação do conhecimento objetivo e da sua possível circulação e socialização na escola (GINZBURG, 2012).

Essas concepções em seus extremismos teóricos contribuem para uma visão fragmentária da literatura, desconsiderando-se algumas das suas funções primordiais para a formação do homem, preconizadas por Candido (2002), quais sejam: a) A capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia, cujo



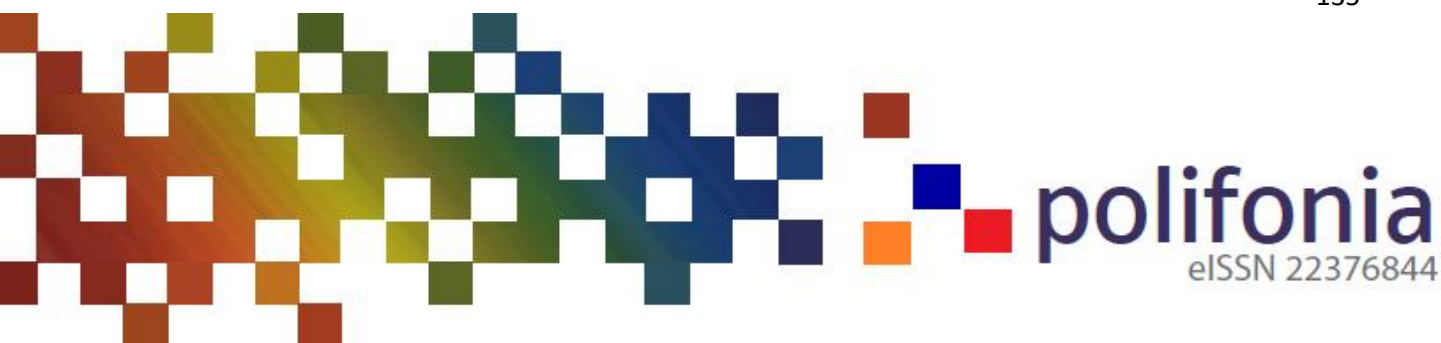
vínculo entre imaginação e realidade ilustra em profundidade a função da criação literária que a integra as suas referências na realidade; b) Sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos; c) Seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, com um autonomia que não a desassocia das suas fontes de inspiração reais, nem a impede de atuar sobre essa mesma realidade.

A palavra literária que edifica o conto “Baú” dialoga com o contexto pandêmico e com as transformações sociais que trouxeram consigo uma concepção de homem inscrita neste tempo, alargando a compreensão da realidade a qual a literatura busca, no que tange à experiência humana. A visão cronotópica do texto ficcional, portanto, nos apresenta a leitura literária como um caminho para a ampliação do “[...] pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 2009, p.77).

Nestes tempos pandêmicos em que novos questionamentos sobre as relações humanas emergem também do universo ficcional, as narrativas e a consolidação das memórias produzidas pelas experiências dos personagens reafirmam a premente necessidade de compreendermos a literatura enquanto produto histórico, independente do lugar que ocupe em nossas vidas (ANTUNES, 2015).

Na contemporaneidade narrativa do conto “Baú”, insinuam-se possíveis respostas ao questionamento Literatura para quê? (COMPAGNON, 2003; FRANCHETTI, 2009), articulados a uma concepção de literatura como um sistema aberto que se dilata no vasto campo da cultura universal (BEZERRA, 2017), cuja leitura não deve se restringir a uma perspectiva imanente reduzida a análise das qualidades intrínsecas do texto literário.

A cronotopia nos faculta reconhecer o cânone como produção cultural que precisa estar em constante diálogo com a contemporaneidade, ao permitir trazer para a cena da leitura as vozes dos leitores com as suas experiências, de forma responsiva e ativa como



seres “expressivos e falantes”, afinal a leitura é uma oferta de contrapalavras (GERALDI, 2002).

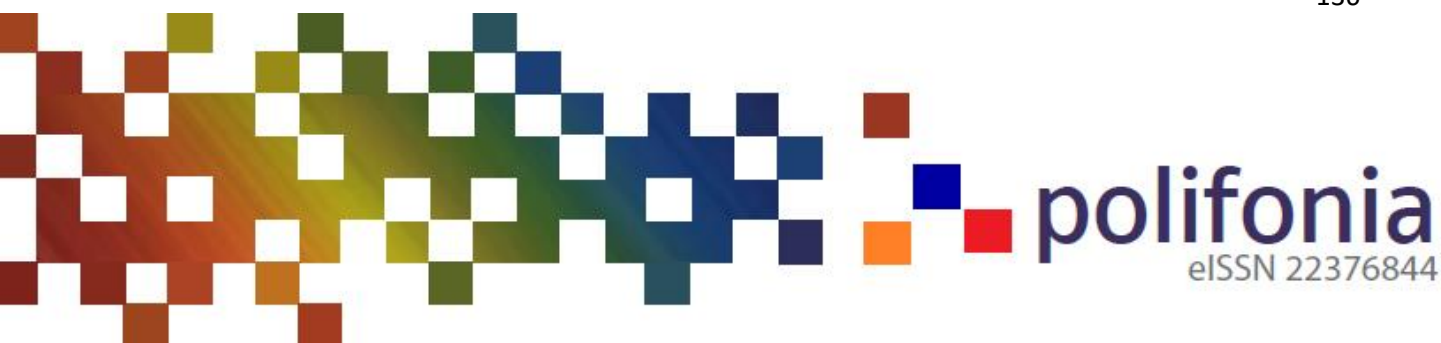
### **Considerações finais**

Ao buscar um diálogo entre a palavra literária que edifica o conto “Baú”, do autor Daniel Galera e a sua aproximação com o cronotopo pandêmico em que foi produzido, passamos também a compreender a literatura de forma mais dilatada como um enlace social, cuja capacidade discursiva poderá favorecer a e oferecer um sentido de pertencimento coletivo, um enlace que tece sociedades, um instrumento para entender o mundo (COLOMER, 2017).

O cotejamento entre o conto “Baú” e o cenário pandêmico em que se edificou poderá se constituir como “[...] atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história” (ZILBERMAN, 2008, p. 17), a partir da qual o leitor expande as suas fronteiras, sem esquecer suas próprias dimensões.

A leitura literária em sala de aula, na perspectiva cronotópica contribuirá para uma compreensão de que a literatura deve estar em constante diálogo com as questões sociais que nos convocam à reflexão, de modo que, como leitores, possamos socializar as nossas experiências, cotejarmos as conclusões com as de outros leitores, discutirmos preferências e ampliarmos as nossas interlocuções em sociedade (ZILBERMAN, 2008).

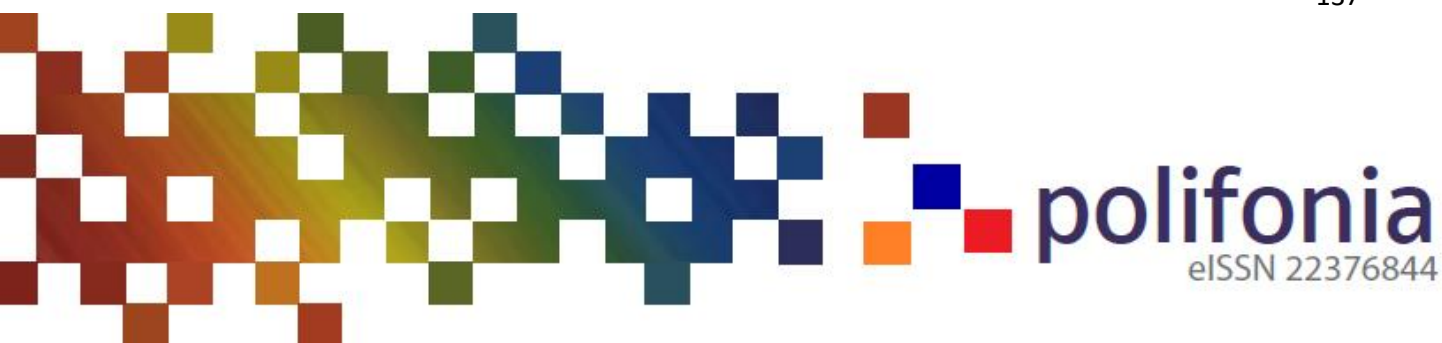
Que os cenários da crise sanitária possam, também por meio da leitura literária, estimular o diálogo, por meio do qual se trocam resultados, desenvolvem-se a sensibilidade e a empatia diante dos acontecimentos que nos afetam, amplificando as vozes sociais que narram as suas experiências – ficcionais ou não – cujos ecos poderão ressoar na sala de aula, lembrando-nos de que ensinar literatura pressupõe considerar a vivência e a complexidade da leitura para além de “[...] um ponto de vista classificatório e fechado” (FRANCHETTI, 2009, p.9).



Na contramão dessa perspectiva, o ensino de literatura na escola poderá proporcionar aos leitores o contato com situações ficcionais que os encaminhem, para além de uma formação apenas intelectual, a uma reflexão sobre o seu papel como sujeitos históricos.

## Referências

- ANTUNES, Benedito. O que significa ensinar literatura no mundo contemporâneo? *Miscelânea*, Assis, v. 18, p.217-230, jul.-dez. 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1993.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BEMONG, N. et al. *Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo. Parábola. 2015.
- CANDIDO, Antonio. "A literatura e formação do homem" In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. P.77-92.
- COLOMER, Teresa. Critérios de avaliação e seleção de livros infantis e juvenis. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global Editora, 2017. p.251-306.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- DELLA FONTE, S.S. Amor e paixão como facetas da educação: a relação entre escola e apropriação do saber. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.11, n.22, p.327-42, mai/ago 2007.
- FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? *Revista Desenredos*. Ano I, número 03, Teresina - Piauí - novembro dezembro 2009.
- GALERA, Daniel. "Baú". Disponível em: Baú, um conto de Daniel Galera (uol.com.br). Acesso em jun.2021.



GINZBURG, Jaime. O ensino de literatura como fantasmagoria. *Revista Anpoll*. Florianópolis, SC, V.1, Nº 33, 2012.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, [S. l.], n. 14, p. 11-22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em de 2 de novembro 2021.